

John Grisham

O DILEMA

Tradução de Maira Parula

Rocco

À memória de

Rick Hemba

1954-2013

Até breve, Ace

O horror estava à espera – o desconhecido, a insônia, as úlceras. Colegas de trabalho se ignoravam e escondiam-se por trás de portas trancadas. Secretárias e paralegais passavam adiante boatos e recusavam-se a se olhar nos olhos. Todos estavam tensos, perguntando-se quem seria o próximo. Os sócios, os maiorais, pareciam estressados e não queriam contato com subalternos. Em breve eles poderiam dar a ordem para o abate.

E os boatos eram brutais. Dez associados da divisão do contencioso eliminados; uma verdade parcial – somente sete. Toda a área de sucessão fechada, com sócios e tudo; verdadeiro. Oito sócios da área de antitruste pulando para outra firma: falso, por enquanto.

O ambiente estava tão pesado que Samantha saía do prédio sempre que possível e trabalhava com o laptop nas cafeterias do sul de Manhattan. Num dia agradável, sentou-se em um banco de parque – dez dias depois da queda do Lehman Brothers – e olhou fixamente o prédio alto na rua. Chamava-se 110 Broad e a metade superior era alugada à Scully & Pershing, a maior firma de advocacia que o mundo já viu. A firma dela, por enquanto, embora o futuro fosse incerto. Dois mil advogados em vinte países, metade deles só em Nova York, mil lá em cima, espremidos do trigésimo ao 65º andar. Quantos teriam vontade de pular? Ela não podia imaginar, mas não era um deles. A maior firma do mundo estava encolhendo no caos, como suas concorrentes. A Big Law, como era conhecida, vivia pânico idêntico ao dos fundos hedge, bancos de investimento, instituições bancárias, conglomerados de seguros, Washington e toda a cadeia alimentar descendo até os comerciantes da Main Street.

Dez dias se passaram sem um banho de sangue, como no dia seguinte. No 12º dia, houve um lampejo de otimismo quando Ben, um dos colegas de Samantha, contou o boato de que os mercados de crédito em Londres estavam afrouxando um pouco. Quem queria um empréstimo poderia enfim encontrar algum dinheiro. Mas no final daquela tarde o boato ficou sem combustível; era vazio. Então, eles esperaram.

Dois sócios administravam a área imobiliária corporativa da Scully & Pershing. Um estava quase na idade de aposentadoria e já fora afastado. O outro era Andy Grubman, um burocrata de 40 anos que nunca viu um tribunal. Como sócio, tinha uma excelente sala com uma vista distante do Hudson, água que ele não notava havia anos. Em uma estante atrás de sua mesa e bem no meio de sua Parede do Ego, havia uma coleção de miniaturas de arranha-céus. “Meus prédios”, como ele gostava de chamar. Quando da conclusão de um de seus prédios, ele mandava um escultor reproduzi-lo em escala menor e generosamente dava um troféu ainda menor a cada membro de “minha equipe”. Em seus três anos na S&P, a coleção de Samantha tinha seis prédios e era o máximo a que podia chegar.

– Sente-se – ordenou ele ao fechar a porta. Samantha sentou-se numa cadeira ao lado de Ben, que estava ao lado de Isabelle. Os três associados olhavam para os pés, esperando. Samantha sentiu o impulso de segurar a mão de Ben, como uma prisioneira apavorada enfrentando o pelotão de fuzilamento. Andy jogou-se em sua cadeira e, evitando olhá-los nos olhos, mas desesperado para acabar logo com aquilo, resumiu a embrulhada em que estavam metidos.

– Como sabem, o Lehman Brothers fechou há 14 dias.

Tá brincando, Andy! A crise financeira e o colapso do crédito colocaram o mundo à beira de uma catástrofe e todos sabiam disso. Mas Andy raras vezes tinha uma ideia original.

– Temos cinco projetos em andamento, todos financiados pelo Lehman. Conversei longamente com os proprietários e os cinco estão fechando as torneiras. Temos outros três em vista, dois com o Lehman, um

com o Lloyd's e, bom, todo o crédito está congelado. Os banqueiros estão em seus bunkers, com medo de emprestar um centavo que seja.

Sim, Andy, também sabemos disso. Está na primeira página. Acabe logo com isso antes de a gente pular.

– O comitê executivo reuniu-se ontem e fez alguns cortes. Trinta associados novatos estão sendo dispensados, alguns completamente desligados, outros suspensos. Todas as novas contratações estão adiadas por tempo indeterminado. O pessoal de sucessão já era. E, bom, não tem um jeito fácil de dizer isso, mas toda a nossa divisão está no cepo. Cortada. Eliminada. Ninguém sabe quando os proprietários recomeçarão a construir, se é que vão fazer isso. A firma não está disposta a manter vocês na folha de pagamento enquanto o mundo espera por crédito. Que droga, talvez estejamos entrando de cabeça numa tremenda depressão. Provavelmente esta é a primeira rodada de cortes. Desculpe, pessoal. Eu sinto muito mesmo.

Ben foi o primeiro a falar.

– Então, estamos sendo desligados de vez?

– Não. Eu lutei por vocês, OK? A princípio eles pretendiam demissão sumária. Não preciso lembrar aqui que a área imobiliária corporativa é a menor da firma e talvez a mais atingida agora. Falei com eles de uma coisa que estamos chamando de licença. Vocês vão sair agora e talvez voltar depois.

– Talvez? – perguntou Samantha. Isabelle enxugou uma lágrima, mas manteve a compostura.

– Sim, um talvez bem gordo. A essa altura não há nada de definido, Samantha. Todos estamos perseguindo o próprio rabo. Daqui a seis meses, talvez estejamos todos na fila do sopão, que nem naquelas fotos antigas de 1929.

Sem essa, Andy, o sopão dos pobres? Como sócio, sua remuneração líquida no ano passado foi de 2,8 milhões, a média na S&P, que, aliás, vem em quarto lugar na renda líquida por sócio. E um quarto lugar não é tão bom, pelo menos não era até que o Lehman mixou, o Bear Stearns

implodiu e a bolha das hipotecas subprime estourou. De repente, um quarto lugar parecia muito bom, pelo menos para alguns.

– O que é uma licença? – perguntou Ben.

– O acordo é o seguinte. A firma mantém vocês sob contrato pelos próximos 12 meses, mas vocês não recebem pagamento.

– Que lindo – resmungou Isabelle.

Ignorando-a, Andy prosseguiu:

– Vocês continuam com o plano de saúde, mas só se fizerem estágio em uma ONG habilitada. O departamento de recursos humanos está preparando uma lista de lugares adequados. Vocês saem, fazem seu trabalho de bom samaritano, salvam o mundo, torcem como loucos para que a economia se recupere, depois, em mais ou menos um ano, estão de volta à firma e não perdem antiguidade no cargo. Não ficarão na área imobiliária corporativa, mas a firma encontrará um lugar para vocês.

– Nossos empregos estão garantidos quando acabar a licença? – perguntou Samantha.

– Não, não há nada garantido. Para falar com franqueza, não há ninguém com inteligência suficiente para prever onde estaremos no ano que vem. Estamos no meio de uma eleição, a Europa está indo para o ralo, os chineses estão em pânico, os bancos estão fechando, os mercados quebram, ninguém está construindo nem comprando. O mundo está chegando ao fim.

Eles ficaram sentados por um momento no silêncio melancólico da sala de Andy, os quatro esmagados pela realidade do fim do mundo. Por fim, Ben perguntou:

– Você também, Andy?

– Não, estão me transferindo para a área tributária. Dá pra acreditar nisso? Eu odeio tributos, mas era isso ou dirigir um táxi. Tenho mestrado em tributação, então eles entenderam que podiam me poupar.

– Meus parabéns – disse Ben.

– Eu sinto muito, gente.

– Não, é sério. Estou feliz por você.

– Talvez eu vá embora daqui a um mês. Quem sabe?

– Quando vamos sair? – perguntou Isabelle.

– Agora mesmo. O procedimento é assinar um acordo de licença, empacotar suas coisas, limpar a mesa e dar no pé. O pessoal de recursos humanos mandará a vocês por e-mail uma lista de ONGs e toda a papelada. Desculpe, gente.

– Por favor, pare de se desculpar – disse Samantha. – Nada do que você disser ajuda na situação aqui.

– É verdade, mas podia ser pior. A maioria dos que estão em seu barco não receberam a oferta de licença. Estão sendo demitidos na lata.

– Desculpe, Andy – disse Samantha. – É que agora são emoções demais.

– Está tudo bem. Eu entendo. Tem o direito de ficar chateada e revoltada. Vejam só vocês... os três diplomados em direito pelas melhores universidades e serão acompanhados para fora do prédio como se fossem meliantes. Dispensados como qualquer operário de fábrica. É horrível, simplesmente horrível. Alguns sócios se ofereceram para que cortassem metade de seus salários para evitar isso.

– Aposto que foi um grupo pequeno – disse Ben.

– Sim, foi. Infelizmente, muito pequeno. Mas a decisão já estava tomada.

Uma mulher de terninho e gravata pretos estava no quadrado onde Samantha dividia um “espaço” com outros três, inclusive Isabelle. Ben estava a pouca distância, no corredor. A mulher tentou sorrir ao falar.

– Meu nome é Carmen. Posso ajudá-la? – Ela segurava uma caixa de papelão vazia, sem nada escrito em lado nenhum, assim ninguém saberia que era o repositório oficial da Scully & Pershing para o lixo de escritório dos que pegaram licença, foram demitidos ou o que fosse.

– Não, obrigada – disse Samantha e conseguiu falar com educação. Ela poderia ter perdido a calma e sido grosseira, mas Carmen só estava fazendo seu trabalho. Samantha começou a abrir gavetas e pegar tudo

que era pessoal. Em uma gaveta tinha algumas pastas da S&P e ela perguntou: – E quanto a isso?

– Ficam aqui – disse Carmen, observando cada movimento, como se Samantha pudesse tentar surrupiar algum ativo valioso. A verdade era que tudo de valor estava guardado nos computadores... um desktop que ela usava na mesa de trabalho e um laptop que levava para todo canto. Um laptop da Scully & Pershing. Ele também ficaria para trás. Ela poderia ter acesso a tudo de seu laptop pessoal, mas sabia que as senhas já teriam sido alteradas.

Como uma sonâmbula, esvaziou as gavetas e delicadamente guardou as seis miniaturas de arranha-céus de sua coleção, embora pensasse em jogá-las na lixeira. Isabelle chegou e recebeu sua própria caixa de papelão. Todos os outros – associados, secretárias, paralegais – repentinamente encontraram o que fazer em outro lugar. O protocolo foi adotado rapidamente – quando alguém limpa uma mesa, precisa ficar em paz. Sem testemunhas, sem encaradas, sem despedidas vazias.

Os olhos de Isabelle estavam inchados e vermelhos; era evidente que esteve chorando no banheiro. Ela falou aos sussurros.

– Me liga. Vamos tomar um drinque esta noite.

– Claro – disse Samantha. Ela terminou de colocar suas coisas na caixa, sua pasta e sua volumosa bolsa de grife, e sem olhar por sobre o ombro andou decidida atrás de Carmen, seguindo pelo corredor até os elevadores do 48º andar. Enquanto esperavam, ela se recusou a olhar em volta e absorver o ambiente pela última vez. A porta se abriu e felizmente o elevador estava vazio.

– Eu carregou isso – disse Carmen, apontando a caixa, cujo volume e peso já aumentavam.

– Não – disse Samantha dando um passo para dentro. Carmen apertou o botão do térreo. Por que exatamente ela estava sendo acompanhada até a saída do prédio? Quanto mais pensava na pergunta, mais furiosa ficava. Ela queria gritar, queria ter um ataque, mas o que realmente queria fazer era telefonar para a mãe. O elevador parou no 43º andar e entrou um jovem bem-vestido. Segurava uma caixa de papelão idêntica,

com uma bolsa grande pendurada no ombro e uma pasta de couro debaixo do braço. Tinha o mesmo olhar atordoado de medo e confusão. Samantha já o vira no elevador, mas não o conhecia. Que firma. Tão mastodônica que os associados usavam crachá nas pavorosas festas de Natal. Outro segurança de terno preto entrou atrás dele e quando todos estavam acomodados, Carmen apertou mais uma vez o botão do térreo. Samantha ficou olhando o chão, decidida a não falar, mesmo que falassem com ela. No 39º andar, o elevador parou mais uma vez e o sr. Kirk Knight entrou examinando o celular. Depois que a porta se fechou, ele olhou em volta, viu as duas caixas de papelão e deu a impressão de suspirar enquanto sua coluna enrijecia. Knight era sócio sênior de fusões e aquisições e membro do comitê executivo. Repentinamente cara a cara com duas de suas vítimas, ele engoliu em seco e fixou os olhos na porta. Subitamente apertou o botão do 28º andar.

Samantha estava entorpecida demais para insultá-lo. O outro associado tinha os olhos fechados. Quando o elevador parou, Knight saiu apressado. Depois que a porta se fechou, Samantha lembrou-se de que a firma ficava do trigésimo ao 65º. Por que Knight desceria repentinamente no 28º? Que se dane.

Carmen a acompanhou pelo saguão, passando pela porta até a Broad Street. Disse umas palavras de solidariedade inconvincentes, mas Samantha não respondeu. Sobrecarregada como uma mula de carga, ela vagou pelo tráfego de pedestres, indo a lugar nenhum. Depois se lembrou das fotos no jornal dos funcionários do Lehman e do Bear Stearns saindo de seus prédios comerciais com caixas trazendo seus pertences, como se os prédios estivessem em chamas e eles fugissem para salvar a própria vida. Em uma fotografia grande e colorida na primeira página da seção B do *Times*, uma corretora do Lehman foi flagrada com lágrimas no rosto, parada com uma ar indefeso na calçada.

No entanto essas fotos agora eram notícia velha e Samantha não viu câmera alguma. Baixou a caixa na esquina da Broad com a Wall e esperou por um táxi.

Em um sofisticado loft do SoHo que lhe custava dois mil dólares por mês, Samantha jogou suas tralhas do escritório no chão e caiu no sofá. Agarrada ao celular, esperava. Respirou fundo, de olhos fechados, as emoções até certo ponto controladas. Ela precisava da voz e do apoio da mãe, mas não queria aparentar fraqueza, mágoa e vulnerabilidade.

O alívio veio da compreensão súbita de que acabara de se livrar de um emprego que desprezava. Às sete horas desta noite ela podia estar assistindo a um filme ou jantando com amigos, e não trabalhando como uma escrava no escritório com o cronômetro correndo. Neste domingo, podia viajar sem pensar em Andy Grubman e na pilha de papelada de sua próxima negociação crucial. O FirmFone, um aparelho pequeno e monstruoso que vivia colado em seu corpo havia três anos, tinha sido devolvido. Ela se sentia liberta e maravilhosamente leve.

O medo vinha da perda da renda e do repentino desvio em sua carreira. Como associada há três anos, ela ganhava 180 mil dólares por ano de salário-base, além de uma bela bonificação. É muito dinheiro, mas a vida na cidade de algum jeito conseguia devorá-lo. Metade evaporava em impostos. Samantha tinha uma conta de poupança, que ela tratava com indiferença. Quando se tem 29 anos, é solteira e livre na cidade, com uma profissão em que o pacote do ano seguinte será maior do que o salário deste ano além da bonificação, por que se preocupar demais com economia de dinheiro? Tinha uma amiga formada em direito pela Universidade Columbia que ficou na S&P por cinco anos, acabara de se

tornar sócia júnior e ganharia cerca de meio milhão este ano. Samantha estava indo pelo mesmo caminho.

Ela também tinha amigos que pularam fora da máquina de triturar gente depois de 12 meses e fugiram felizes do pavoroso mundo da Big Law. Um agora era instrutor de esqui em Vermont, ex-editor da *Columbia Law Review*, um refugiado das entranhas da S&P que morava em uma cabana perto de um riacho e raras vezes atendia ao celular. Em apenas 13 meses, ele deixou de ser um jovem associado ambicioso para ser um idiota um tanto demente que dormia na mesa de trabalho. Pouco antes da intervenção do RH, ele surtou e saiu da cidade. Samantha pensava nele com frequência, em geral com uma pontada de inveja.

Alívio, medo e humilhação. Seus pais pagaram uma escola preparatória cara em Washington. Ela se formou com louvor em Georgetown com um diploma de ciência política. Fez com tranquilidade a faculdade de direito e terminou com honras. Uma dezena de firmas lhe ofereceu emprego depois do seu estágio em um tribunal federal. Os primeiros 29 anos de sua vida viram um sucesso impressionante e pouco fracasso. Ser demitida dessa maneira era esmagador. Ser acompanhada para fora do prédio foi degradante. Esse não era só um pequeno percalço em uma carreira longa e recompensadora.

Os números lhe davam algum conforto. Desde o colapso do Lehman, milhares de jovens profissionais foram atirados na rua. A infelicidade adora companhia, diz o ditado, mas no momento ela não conseguia ter muita solidariedade por ninguém.

– Karen Kofer, por favor – disse ela ao telefone. Estava deitada no sofá, imóvel, contando a respiração. Depois: – Mãe, sou eu. Eles fizeram. Fui demitida. – Ela mordeu o lábio e reprimiu as lágrimas.

– Que chato, Samantha. Quando aconteceu?

– Há cerca de uma hora. Não foi nenhuma surpresa, mas ainda é duro de acreditar.

– Eu sei, querida. E lamento muito.

Na semana anterior, elas não falaram de outra coisa senão uma provável demissão.

– Você está em casa? – perguntou Karen.

– Estou, e está tudo bem. Blythe está no trabalho. Ainda não falei com ela. Não contei a ninguém.

– Eu lamento muito.

Blythe era uma amiga e ex-colega de turma da faculdade que trabalhava em outra megafirma. Elas dividiam o apartamento, mas pouca coisa da vida. Quando se trabalha de 75 a cem horas por semana, há pouco a partilhar. As coisas também não iam bem na firma de Blythe e ela esperava pelo pior.

– Eu estou bem, mãe.

– Não, não está. Por que não passa alguns dias aqui em casa? – A casa era um alvo móvel. A mãe alugou um lindo apartamento perto de Dupont Circle e o pai, uma casinha em um condomínio perto do rio, em Alexandria. Samantha nunca passou mais de um mês em nenhum dos dois lugares e no momento não pensava nisso.

– Eu irei – disse ela –, mas não agora.

Uma longa pausa, depois disse com suavidade:

– Quais são os seus planos, Samantha?

– Não tenho nenhum plano, mãe. Neste momento estou em choque e não consigo pensar num futuro de mais de uma hora.

– Eu entendo. Queria poder estar aí.

– Está tudo bem, mãe. Juro. – A última coisa que Samantha precisava naquela hora era da presença espectral da mãe e dos conselhos intermináveis sobre o que fazer.

– É uma demissão ou alguma espécie de suspensão?

– A firma está chamando de licença, um acordo pelo qual faremos estágio em uma ONG por um ou dois anos sem perder o direito ao plano de saúde. Depois, se as coisas mudarem, a firma nos aceitará de volta sem perda dos anos trabalhados.

– Parece um esforço ridículo para manter vocês na coleira.

Obrigada, mãe, por sua habitual franqueza.

– Por que não mandou aquela gente horrorosa para o inferno? – continuou Karen.

– Porque eu gostaria de manter meu plano de saúde e de saber que existe a opção de eu voltar um dia.

– Pode encontrar um emprego em outro lugar.

Falou como uma burocrata de carreira. Karen Kofer há quase trinta anos era advogada do Departamento de Justiça de Washington, o único emprego que teve na vida. Seu cargo, como o de todos à sua volta, era inteiramente protegido. Independentemente de crises financeiras, guerras, mudanças de governo, catástrofes nacionais, sublevações políticas ou qualquer outra possível calamidade, o pagamento de Karen Kofer era inviolável. E com ele vinha aquela vaga arrogância típica dos burocratas entrincheirados.

Somos muito valiosos porque somos muito necessários.

– Não, mãe, agora não existe nenhum emprego. Se você não ouviu falar, estamos numa crise financeira, à beira de uma depressão. As firmas de advocacia estão despejando os associados aos bandos na rua, depois fecham as portas.

– Duvido que as coisas estejam assim tão ruins.

– Ah, é sério. A Scully & Pershing adiou todas as novas contratações, o que significa que cerca de uma dúzia dos mais talentosos advogados formados em Harvard acabaram de ser comunicados de que os empregos que lhes prometeram para setembro não existirão. O mesmo para Yale, Stanford, Columbia.

– Mas você tem tanto talento, Samantha.

Jamais discuta com uma burocrata. Samantha respirou fundo. Estava prestes a desligar quando uma ligação urgente “da Casa Branca” apareceu e Karen teve de ir. Prometeu telefonar mais tarde, assim que salvasse a República. Tudo bem, mãe, disse Samantha. Ela recebia toda a atenção que podia querer da mãe. Era filha única, o que, pensando bem agora, era bom, em vista do naufrágio do casamento e posterior divórcio de seus pais.

O dia estava lindo, céu claro, e Samantha precisava dar uma caminhada. Andou em zigue-zague pelo SoHo, depois pelo West Village. Em uma cafeteria vazia, finalmente telefonou para o pai. Marshall Kofer no passado foi um advogado especializado em processar companhias aéreas depois de acidentes. Criou uma firma agressiva e bem-sucedida em Washington e passava seis noites por semana em hotéis do mundo todo, ou procurando casos, ou cuidando dos processos. Ganhou uma fortuna, esbanjou dinheiro, e quando adolescente Samantha tinha uma consciência aguda de que sua família possuía mais do que a maioria das crianças de sua escola preparatória. Enquanto o pai saltava de um caso de alta visibilidade para outro, a mãe a criava sossegadamente enquanto seguia obstinadamente sua carreira no Departamento de Justiça. Se os pais brigavam, Samantha não sabia; o pai simplesmente nunca estava em casa. A certa altura, não se sabe quando, uma jovem e bela paralegal entrou na história e Marshall tomou a iniciativa. A aventura passageira tornou-se constante, em seguida um romance e depois de dois anos Karen Kofer ficou desconfiada. Confrontou o marido, que no início mentiu, mas logo admitiu a verdade. Ele queria o divórcio, encontrara o amor de sua vida.

Por coincidência, mais ou menos na mesma época em que arruinava sua vida familiar, Marshall tomou outras decisões ruins. Uma delas envolveu um esquema para mandar honorários gordos ao exterior. Um jumbo da United Asia Airlines tinha caído no Sri Lanka com quarenta americanos a bordo. Não houve sobreviventes e, como se esperava, Marshall Kofer chegou lá antes de todos os outros. Durante as negociações do acordo, ele criou uma rede de empresas fantasma por todo o Caribe e a Ásia, para direcionar, redirecionar e esconder seus substanciais honorários.

Samantha tinha uma pasta grossa com notícias de jornal e relatórios investigativos da tentativa desajeitada de corrupção do pai. Daria um livro fascinante, mas ela não estava interessada em escrevê-lo. Ele foi flagrado, humilhado, constrangido na primeira página, condenado, expulso da Ordem dos Advogados e mandado para a prisão por três anos. Rece-

beu condicional duas semanas antes de ela se formar na Georgetown. Naquela época, Marshall trabalhava como consultor de uma variedade de pequenas firmas na região histórica de Alexandria. Dizia estar prestando consultoria a outros advogados em processos de indenização coletiva, mas sempre foi vago nos detalhes. Samantha estava convencida, assim como a mãe, de que Marshall conseguira enterrar um belo butim em algum lugar no Caribe. Karen desistiu de procurar.

Embora Marshall sempre desconfiasse e Karen sempre negasse, ele tinha o pressentimento de que a ex-mulher teve algum papel em seu processo penal. Karen tinha influência na Justiça, e muita, além de muitos amigos.

– Pai, fui demitida – disse ela em voz baixa ao celular. A cafeteria estava vazia, mas o barista estava por perto.

– Ah, Sam, eu lamento muito – disse Marshall. – Conte o que aconteceu.

Até onde Samantha sabia, o pai só aprendera uma coisa na prisão. Não a humildade, nem a paciência, nem a compreensão ou o perdão, nem qualquer dos atributos padrão que se adquirem depois de uma queda tão humilhante. Ele era tão cheio de energia e ambicioso como antes, ainda ansioso para atacar cada dia e atropelar qualquer um que se colocasse na sua frente. Mas, por algum motivo, Marshall Kofér aprendera a ouvir, pelo menos a filha. Ela contou a história lentamente e ele ficou atento a cada palavra. Ela lhe garantiu que ficaria bem. A certa altura, ele deu a impressão de que ia chorar.

Normalmente, ele teria feito comentários depreciativos sobre a escolha de carreira da filha na advocacia. Ele odiava as grandes firmas porque lutou contra elas durante anos. Achava que eram meras corporações, e não sociedades com advogados de verdade brigando por seus clientes. Marshall tinha um palanque do qual podia fazer uma dezena de sermões sobre os males das megafirmas. Samantha ouvira cada um deles e não estava com humor para ouvir de novo.

– Quer que eu vá até aí, Sam? – perguntou ele. – Posso chegar em três horas.

– Obrigada, mas não precisa. Ainda não. Preciso de um tempo e estou pensando em viajar por alguns dias.

– Eu vou buscá-la.

– Talvez, mas não agora. Eu estou bem, pai, eu juro.

– Não, não está. Você precisa de seu pai.

Ainda era estranho ouvir isso de um homem que estivera ausente dos primeiros vinte anos da vida de Samantha. Mas pelo menos ele estava tentando.

– Obrigada, pai. Te ligo depois.

– Vamos fazer uma viagem, encontrar uma praia por aí e beber rum.

Ela teve de rir, porque eles nunca viajaram juntos, não os dois sozinhos. Tiveram algumas férias apressadas quando ela era criança, viagens típicas a cidades da Europa, quase sempre interrompidas pela pressão dos negócios nos Estados Unidos. A ideia de ficar em uma praia com o pai não teve apelo imediato, apesar das circunstâncias.

– Obrigada, pai. Talvez depois, não agora. Preciso cuidar das coisas por aqui.

– Eu arrumo um emprego para você – disse ele. – Um emprego de verdade.

Lá vamos nós de novo, pensou ela, mas deixou passar. O pai tentava seduzi-la com um emprego de verdade na advocacia havia vários anos, de verdade no sentido de que envolveria processar grandes empresas por toda sorte de ilegalidades. No mundo de Marshall Kofler, toda empresa de certo porte deve ter cometido pecados clamorosos para ter sucesso no mundo selvagem do capitalismo ocidental. Era vocação de advogados (e talvez ex-advogados) como ele revelar os pecados e processar como loucos.

– Obrigada, pai. Te ligo outra hora.

Que ironia que o pai ainda estivesse tão ansioso para que ela trilhasse o mesmo caminho da lei que o colocou na cadeia. Ela não estava interes-

sada nos tribunais, nem em conflitos. Não sabia bem o que queria, provavelmente um bom emprego burocrático com um belo salário. Principalmente por ser mulher e inteligente, ela teve uma chance decente de se tornar sócia na Scully & Pershing. Mas a que preço?

Talvez ela quisesse essa carreira, talvez não. No momento só queria vagar pelas ruas do sul de Manhattan e clarear a cabeça. Ela andou por Tribeca enquanto as horas passavam. A mãe ligou duas vezes e o pai, uma, mas ela decidiu não atender. Isabelle e Ben também telefonaram, mas ela não queria conversar. Ela se viu no Moke's Pub perto de Chinatown e por um momento ficou na calçada, olhando para dentro. Seu primeiro drinque com Henry tinha sido no Moke's, tantos anos atrás. Foram apresentados por amigos. Ele era um aspirante a ator, um entre um milhão na cidade, e ela era uma associada novata na S&P. Eles namoraram por um ano antes de o romance fracassar por conta da tensão de seu horário de trabalho brutal e do desemprego dele. Ele foi para Los Angeles, onde, da última vez que soube, estava dirigindo limusines para atores desconhecidos e fazendo grandes papéis em comerciais, sem nenhuma fala.

Ela podia ter amado Henry em circunstâncias diferentes. Ele tinha tempo, interesse e paixão. Ela sempre estava exausta demais. Não era incomum nas megafirmas que as mulheres despertassem aos 40 anos e percebessem que ainda eram solteiras e que acabara de se passar uma década.

Ela se afastou do Moke's e foi para o SoHo, ao norte.